

Mestre relembrado

Aniversário de Villa-Lobos é celebrado com novo livro

Carla Giffoni

Se estivesse vivo, Heitor Villa-Lobos completaria 117 anos no próximo dia 5. Considerado o maior compositor das Américas, carioca da gema nascido em Laranjeiras, compôs mais de mil obras, entre concertos, chorões, músicas para canto, piano, ópera, entre outros gêneros.

Villa-Lobos conseguiu reformular o conceito, até então vigente, do nacionalismo musical. Para celebrar o nascimento desta importante personagem da história brasileira, a escritora Ermelinda Paz estará lançando, no dia do aniversário do maestro, o livro "Villa-Lobos e a Música Popular Brasileira - uma visão sem preconceito".

Professora da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Instituto Villa-Lobos da Uni-Rio, Ermelinda recebeu vários prêmios em concursos de monografias e é autora de mais 10 livros, entre eles "As Pastorinhas de Realengo, 500 Canções Brasileiras" e "Villa-Lobos, o educador".

A autora demonstra sua paixão ao falar deste compositor que conseguiu retratar a cultura brasileira de maneira artisticamente bela. O maestro brasileiro já admitia que, em sua música, ele cantava os rios e os mares do seu país.

"Villa-Lobos é um tema apaixonante. Ele tinha um projeto educacional, conhecido como Concentrações Orfeônicas, cujo objetivo era levar a música à população. Esta proposta foi implantada tanto em São Paulo como no Rio. Nas apresentações públicas da cidade carioca, ele conseguia reunir nomes expressivos da classe artística, como Pixinguinha, Ratinho e

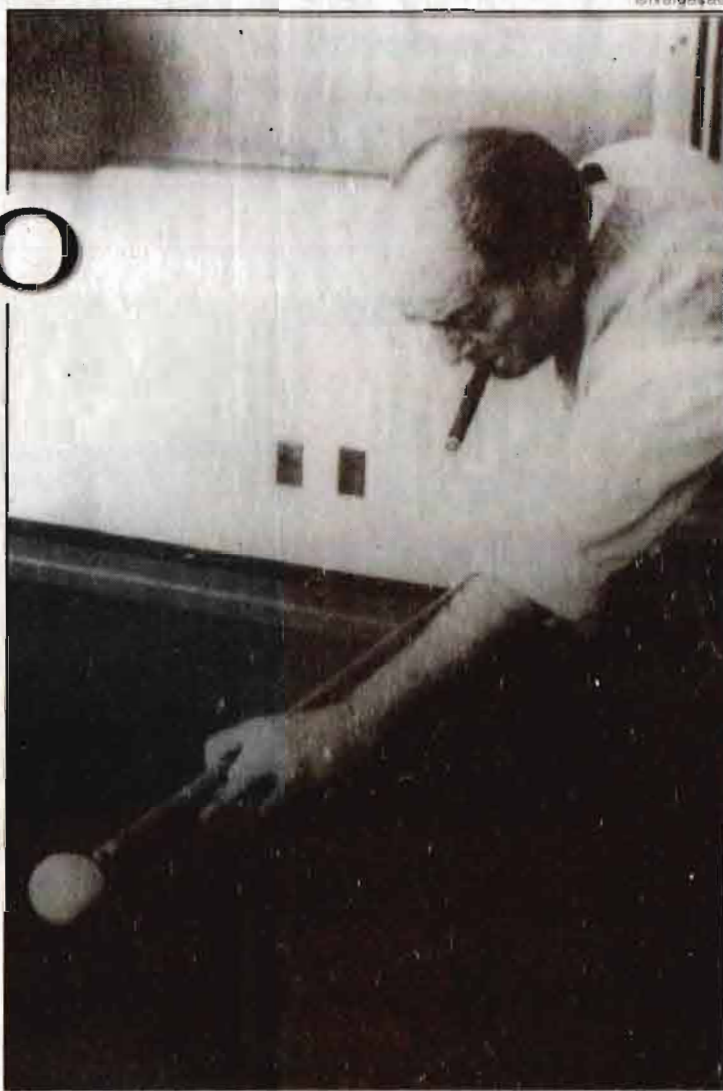
Francisco Alves para tocarem na Esplanada do Castelo, no Largo do Russel e nos campos do Vasco e Fluminense. Mais de 25 mil estudantes participavam destes eventos", conta.

Ermelinda lembra que Villa-Lobos deixou para a história composições não somente clássicas, mas também músicas que até hoje fazem parte da memória auditiva dos brasileiros. Em "As pastorinhas" e "Trenzinho caipira", fica evidente a forte impressão que lhe causou a música sertaneja, ouvida em suas viagens pelo interior do Brasil, enquanto coletava material para pesquisa.

"Villa-Lobos era um gênio brasileiro apaixonado pelo que fazia. Dona Neuma nunca entendeu como um homem tão importante podia se sentir tão bem em ambientes tão simples. Homem viajado e acostumado a ser recebido em ambientes chiques, ele se sentia bem na casa de Cartola, no Morro da Mangueira. Villa também jogava sinuca na Associação Brasileira de Imprensa e não largava seus charutos. Uma pessoa como poucas", frisa.

Villa-Lobos morreu de câncer em 17 de novembro de 1959, no Rio de Janeiro.

A história - Ermelinda explica que o livro estava engavetado desde 1987, quando ganhou o concurso de monografias instituído pelo Museu Villa-Lobos em comemoração ao centenário de nascimento do compositor. "Não consegui patrocínio para editar o livro.



Villa-Lobos não largava seu charuto nem para jogar sinuca

Agora a Eletrobrás financiou a obra", explica.

O texto, dividido em 10 capítulos, tem uma síntese biográfica, fala sobre o projeto de Educação Social através da música, conhecido como Concentrações Orfeônicas, e resalta a participação de cantores populares como Francisco Alves, Augusto Calheiros, Silvio Caldas e Paulo Tapajós, que gravaram músicas do compositor, entre outros tópicos.

O envolvimento do compositor com o samba não é recente. Villa-Lobos era amicíssimo de outra lenda da música brasileira, Cartola. "Quando recebia amigos europeus, o maestro sempre os levava para visitar a Mangueira, considerado por ele como o local onde se podia encontrar o mais puro samba", afirma a autora.

Na obra, constam também cinco cartas inéditas que ele enviou para o amigo e mecenas Carlos Guinle, escritas entre 1928 a 1930.

MUSEU VILLA-LOBOS - Rua Sorocaba, 200 - Botafogo - Rio de Janeiro, às 19h.

nas livrarias

■ Até que ponto dá para escupar da responsabilidade pela matança de judeus quando se está diretamente ligado a ações antiéticas e descobertas bombásticas que resultaram em milhares de mortes? É sobre esta questão que John Cornwell escreve, levando os leitores de "Os cientistas de Hitler - ciência, guerra e o pacto com o demônio" para os laboratórios, em meio a tubos de ensaio, equações, cálculos, substâncias químicas e experiências que levariam unicamente à morte. O livro editado pela Imago Editora e tradução de Marcos Santarrita, clama por uma consciência do perigo no futuro, com a revolução da informação.

■ "Finanças para não-financeiros", da Editora Senac Rio, é o segundo volume da coleção "Para não-especialistas". A obra, escrita pelos professores Paulo Henrique Schenini e J.R. Bonavita, traduz em linguagem simples conceitos de finanças que podem ser aplicados no dia-a-dia. Com preço de R\$ 25, o livro dá explicações sobre conceitos básicos de contabilidade, além de um glossário de termos específicos.

■ Da coleção Mindinho e seu vizinho, "Embola, enrola e rola", de Maurício Veneza, é composto de trava-línguas bolados para embolar a cuca da turminha. É uma brincadeira para aprender a rimar e para desafiar o amigo a ler depressa, para inspirar a fazer verso e deixar rolar. Lançamento da Atual Editora, o livro, que custa R\$ 13, é uma ponte entre as crianças e a cultura popular.

■ Escrito por um dos mais renomados escritores americanos, E.L. Doctorow, "Deus - um fracasso amoroso" é uma narrativa com múltiplas vozes, que captura os ritmos e sons da Nova Iorque contemporânea. É uma história de detetives, um padre e um casal de rabinos que investigam a estranha pronação. Publicado pela Editora Record, o livro, que custa R\$ 45, é um trabalho de reflexão espiritual, filosofia e história.

■ Um dos livros mais importantes da carreira literária do teólogo Leonardo Boff, "Ecologia: grito da terra, grito dos pobres" está sendo relançado pela Editora Sextante. A obra oferece ao leitor um vislumbre crítico das várias correntes ecológicas, discutindo seus pressupostos filosóficos, culturais e espirituais. Para Boff, o grito dos pobres vem articulado com o grito da terra. Daí se amplia a Teologia da Libertação, porque diz respeito ao planeta inteiro. O livro custa R\$ 29.

Roberta Campos Ba

"Os surdos também sambam" desfila sábado na Cinelândia

Ultrapassando limites e preconceitos. Mostrando que não é por serem deficientes auditivos que não gostam de brincar o Carnaval, o bloco "Os surdos também sambam" estará desfilar no sábado, a partir das 15h, na Cinelândia, com 100 integrantes que prometem esbanjar alegria. Da mesma forma como promovem pagodes e dançoteria com música eletrônica, na sede do clube Alvorada Congregadora de Surdos, em Piedade, onde também jogam futebol de salão e "batem papo" através da linguagem de sinais.

O jornalista Carlos Meritello, um dos organizadores do evento, conta que a idéia

urgiu há menos de um mês. "Os integrantes da Escola de Samba Renascer, de Jacarepuguá, nos convidou, mas, como não deu para arrumar tudo em cima da hora, não participaremos. Porém, foi através deste convite que tomamos consciência do desejo de várias pessoas de participar do Carnaval. Nosso objetivo é quebrar o preconceito, mostrando que o deficiente auditivo pode dançar, pular e ter alegria de viver como qualquer outra pessoa", destaca Meritello, que é pai da musa do bloco.

Lu Meritello, 30 anos, estará desfilar na Passarela do Samba e quem puxará a folia serão os integrantes da Escola de

Samba Renascer. Para participar do bloco, foram convidados, além dos frequentadores do Alvorada - um dos maiores clubes de deficientes auditivos da cidade - estudantes do Instituto Nacional dos Surdos, de Laranjeiras, e da Federação Esportiva dos Surdos do Rio de Janeiro.

Não é a primeira vez que se busca quebrar um preconceito na avenida. Na década de 90, a Escola de Samba Vila Isabel desfilou tendo uma ala exclusiva de surdos.

Quem quiser fazer contatos com os organizadores acesse o endereço meritello@.com.br (CG)